



CIRQUEIRA, José Vandério. **Geografias subterrâneas: para ensinar uma prática geográfica nas trincheiras da anarquia.** Ponta Grossa, PR: Deriva: Monstros dos Mares, 2018.

Por *Rômulo Helton Rocha Marinho*

Da Universidade Federal de Goiás – Goiânia – Brasil.
romulo135@gmail.com

No percurso da historiografia convencional da geografia existe sedimentada uma composição ortodoxa de conhecimentos que foram preponderantes em determinados contextos e culminaram na formulação dessa disciplina. Essa visão, no entanto, abstém-se do fato de que em cada época o arranjo dos saberes geográficos é selecionado em função dos interesses político-territoriais ao qual estão submetidas e, ainda, menosprezam a coexistência de dissidências que transgrediram a práxis socioespacial operante.

Nesse cenário, a obra de José Vandério Cirqueira é uma importante trincheira epistemológica na perspectiva geográfico-anarquista para quem segue na contramão do pensamento burocrático, totalitário e opressor. Ao rememorar a trajetória de figuras como M. Bakunin, E. Reclus, P. Kropotkin, F. Tristan, C. Perroni, entre outros, o autor resgata perspectivas revolucionárias que foram negligenciadas, propositadamente, no pensamento geográfico oficial.

Enquanto temas relacionadas a exploração, descobertas, império, domínio, gestão, controle, limites, fronteiras, expansão, natureza, barbárie, civilização, fisionomia da paisagem, etc. eram difundidos temas como igualdade, luta de classes, organização territorial, distribuição de renda, sociedade autônoma, equilíbrio ambiental, mutualismo, federalismo, etc., eram amordaçados (CIRQUEIRA, p.19, 2018).

Incumbido de uma sensibilidade aguçada, o autor versa diante as estratégias da razão científica burguesa, que conduz a construção do conhecimento para a negação das vontades e do ímpeto de revolta. Uma vez que, assim, instrumentalizam-se os mecanismos de reprodução do capitalismo formando corpos dóceis e mentes frias, propícias ao mundo do trabalho e a subserviência ao Estado. Então, como argumenta, pensar e exercer a geografia em um viés libertário não cabe - ou mesmo é aceito - nas cercas institucionais das universidades.

Na análise de Cirqueira (2018, p. 44) “a grande falha na historiografia oficial é anunciar os limites geográficos das fontes de saber, que são ilimitados, conforme já vem mostrando o paradigma pós-colonial.” Nesse sentido, a questão salutar é: quem são, onde estão e a quais grupos pertencem os personagens que praticam, discutem pensam a geografia acadêmica? Essas indagações são base para analisar quais interesses estão por detrás da produção e sistematização desse campo científico.

No decorrer dos 11 capítulos que compõem o livro, histórias, filosofias e os ideais daqueles que foram na contramão do discurso ortodoxo, são evidenciadas. Dessa forma, resgatam-se inúmeras contribuições que pautam a heterodoxia do saber e que, por essência, caracterizam-se em um viés excêntrico e marginal em relação ao campo hegemônico do cientificismo.

Conforme evidencia, o processo de institucionalização da geografia foi seletivo no intuito de atender as demandas de expansão e dominação territorial do imperialismo europeu. Para isso, foram soterradas no campo do conhecimento diferentes e variadas formulações que destoam desse caminho unilateral.

Destacam-se, as geografias esquecidas das sabedorias antigas, as que foram perdidas sob a égide do obscurantismo medieval na Europa que ocorreu no mesmo período em que ferviam experiências geográficas no oriente. Há, também, como resume o quadro 1, aquelas classificadas como heroicas, hereges, destoantes e as subterrâneas.

Quadro 1. Geografias heterodoxas e suas classificações - Cirqueira (2018)

Heterodoxas (em poucas palavras)	“Produções geográficas espontâneas e insurgentes a classificação rígida e, também, são difusas aos compromissos do rigor metodológico. São unidades epistêmicas que formam uma constelação heterodoxa de pensamento geográfico” (p. 39).
Esquecidas: A herança das sabedorias antigas	“Antropofagia das geografias do passado, alimentando-se dos gregos para regurgitar a indignação frente o esquecimento e o silenciamento das geografias outras” (p. 45).
Perdidas: a herança medieval nos mitos e práticas geográficas	“Práticas, andanças, ampliação da concepção de mundo conhecido, navegações longínquas, estabelecimento de novas interações geográficas etc. (...). Esse saber-fazer geográfico ficou em grande parte perdido em meio ao discurso que afirmava o obscurantismo vivido pela Europa medieval, enquanto para além do velho mundo multiplicidades ocorriam” (p. 53).
Heroicas: a herança das explorações geográficas	Árabes que promoveram o movimento de renovação (transição para o renascimento) do saber geográfico através das pioneiras viagens de explorações e do acúmulo do conhecimento geográfico produzido. Posteriormente, foi tomada para o domínio ortodoxo (adaptado).
Hereges: a ruptura	“Na herança do iluminismo (...) este saber será então reconduzido ao trilho da laicidade pós-cristã e ao engajamento do saber-fazer, permeado pelo

epistemológica	materialismo hedonista social. Renderá a discussão sobres os problemas de método e objeto na geografia” (p. 57).
Destoantes: a reorganização metodológica	Os pivôs são: J. R. Forster, G. Forster e Herder. Apesar de seguirem semelhante linha de pensamento a Kant, Humboldt e Ritter, traços destoantes, como a vinculação ao empirismo utilitarista inglês que pautava o socialismo em suas formulações, fizeram com que fossem negligenciados (adaptado).
Subterrâneas: radicalidades sócio- políticas e territoriais	Figuram-se como contracorrentes epistemológicas (estritamente do Norte) de viés anarquista e libertário que ganham notoriedade a partir da segunda metade do séc. XX. No entanto, por ingerência histórica dominante do marxismo não pôde compor-se como episteme que somasse com o movimento de radicalização da geografia (adaptado).

Fonte: Cirqueira (2018)

Daí, aventurar-se em geografias subterrâneas é como escavar a superfície historiográfica para se encontrar com o pensamento daqueles que foram categoricamente negligenciados. Nesse exercício arqueológico, figuram-se espalhados os inúmeros pensadores e pensadoras que propuseram diferentes modos de ver e pensar o espaço geográfico, suas relações e formas de nele combater.

Evidente que trata-se da minoria da menor parte, em laboratórios subterrâneos, atrevendo a contestar os modelos hegemônicos de dominação ideológica e moral no campo da ciência tradicional. Isso, porém, faz-se necessário pois estrondam pelo mundo ecos de indignação contra o estado burguês e suas formas segregacionistas e repressivas de atuação, que são acompanhados pela gana de justiça socioespacial.

Nas ocupações autônomas, no campo, nas periferias, na luta das mulheres contra o patriarcado, dos não-brancos contra o racismo, na coragem daquelxs que vivem - e amam - sem se preocupar com os rótulos, também estão presentes geograficidades particulares e fundamentais para (re)existir. Por isso, compreender os clássicos que foram precursores no embate pela conquista das liberdades é tão essencial. E, nesse sentido, o livro em questão é um importante baluarte.

Por fim, especialmente aos colegas que se dedicam a atividade docente, fica o alerta para a importância de se virar a chave epistemológica no ensino de geografia. Em outras palavras, devemos atuar para desarticular os nacionalismos, regionalismos, o culto às autoridades e ao poder para que emerjam horizontes de esperança e ânsia por transformação social. Nesses tempos sombrios em que emergem projetos como o Escola Sem Partido e expandem a militarização do sistema público de ensino, é preciso colocar em prática a ajuda mútua, a autogestão, a autonomia e a emancipação contra todos aqueles que oprimem. Eis um desafio fundamental.

Sobre o autor

Rômulo Helton Rocha Marinho – Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás.

Recebido para avaliação em dezembro de 2019.

Aceito para publicação em janeiro de 2020.